

M
M
M

MÚSICA E ROMANTISMO

por Sofia Lourenço e Pedro Monteiro

M
M

30 SET 2021, 19H

M
M

ROMANTISMO PORTUENSE

M
M
M
M
M
M

Recital e Conversa

M

SET 2021 – MAR 2022

A Extensão do Romantismo do Museu da Cidade constitui-se como uma câmara de ressonância sonora onde, por um lado, propomos recuperar o repertório musical da cidade, por outro, revisitamos autores canónicos da Época Romântica e, por fim, auscultamos a persistência e a reinvenção do espírito Romântico no nosso tempo.

M
U
S
E
U
D
A
C
I
D
A
D
E

MUSEU DA CIDADE
EXTENSÃO DO ROMANTISMO

Porto.

O PIANO COMO INSTRUMENTO MUSICAL DO ROMANTISMO

SOFIA LOURENÇO

O verdadeiro instrumento musical da Era Romântica é o piano. É o instrumento do Romantismo que integra intimidade com brilhantismo.

O Romantismo evolui de forma natural desde o Classicismo, adicionando um elemento metafísico, poético, que tem raízes na literatura das fábulas, lendas, romances: na Alemanha, afirma-se pelo período de 1800 a 1830, com Novalis, Wackenroder, Tieck, com os irmãos Schlegel. A expressão do “eu”, da subjetividade e da emoção dominam, imbuídos de um espírito de enorme dinamismo das estruturas, técnica, sonoridade musical, etc. Seguindo a prática composicional do Romantismo musical, muito influenciada pela forma musical mais especificamente nacionalista, o *Lied* (ou Canção), expresso em versos de imitação da poesia popular, as Baladas e Romanzas, eram um género popular. De referir, que a introdução da Mazurka (dança nacional polaca, de ritmo ternário, com uma específica acentuação no segundo tempo) na música instrumental erudita se deve sobretudo à publicação do caderno de 30 Mazurkas para piano, de autoria de F. Chopin (1810-1849).

Neste itinerário musical pelo Porto Romântico, por obras todas elas originárias de autores do séc. XIX e 1.ª metade do séc. XX português, a forma de “Dança” de *Mazurka*, *Romanza*, *Polka* é característica da época musical directamente ligada à estética e à sociedade Oitocentista. A deslocação do interesse pela música instrumental teve grande influência germânica no nosso país, através da aproximação dos músicos mais importantes à música alemã. Alguns autores afirmam mesmo que “No Porto, a influência germânica fez-se sentir de forma bastante acentuada, traduzindo-se numa intensa actividade docente e concertística cujos agentes mais directos foram Bernardo Moreira de Sá, Raimundo de Macedo e Guilhermina Suggia.” (in Luísa Cymbron e Manuel

Carlos Brito, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 157).

Ao longo da primeira metade do séc. XIX, no momento em que a educação musical se torna essencial à educação elegante e culta da época, assiste-se ao lento aparecimento de concertos privados em salões de casa de nobres e burgueses. Grandes artistas apresentam-se em concerto em Lisboa (Franz Liszt em 1845 no Teatro S. Carlos, onde toca a 4 mãos com João Guilherme Daddi, Sigismund Thalberg em 1856); obras populares como os arranjos da opereta *O burro do Sr. Alcaide* da autoria de Ciríaco de Cardoso eram tocadas ao piano em ocasiões domésticas e sociais. Numa descrição quiça ainda tão atual, o comentário do ano de 1816 de um músico profissional, citado por Manuel Carlos de Brito e David Cranmer em *Crónicas da Vida Musical Portuguesa na Primeira Metade do Século XIX*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, p.38:

“Os portugueses, como todos os europeus do Sul, possuem talento e inclinação para a música; mas só para a sua própria [...]. Para eles a música serve para os emocionar ligeiramente, para lhes fornecer estímulos agradáveis e para os divertir; assim o querem a sua natureza, os seus hábitos e a sua quase total ausência de uma verdadeira formação nesta arte. Deste modo, quase que só gostam da melodia leve e um pouco superficial, que brinca com a alegria e com a tristeza. Exceptuando aqueles, muito poucos, que são verdadeiramente instruídos na arte dos sons, o resto acharia por exemplo as sinfonias, aberturas e quartetos de Mozart, Beethoven, A. Romberg ou até mesmo Haydn, insípidos, maçadores, até mesmo antagónicos; pelo contrário, o *Klingklang* oco de triviais aberturas italianas e outras composições do mesmo estilo é acolhido com prazer e retribuído com aplausos ruidosos. Ninguém quer ter de pensar enquanto escuta música, nem mesmo sequer sentir, mas somente deseja estimular os sentidos

M
M
M

M
M

M

M
U
S
E
U

D
A

C
I
D

A
D

E
M
M
M
M

M
M

M
M

M

RECITAL

Intérprete ↓
SOFIA LOURENÇO

Autor ↓
JOÃO GUILHERME BELL DADDI
(Porto, Miragaia, 1813 - 1887)

- *IL LAMENTO*

- *ANDANTE CANTABILE*

Autor ↓
ÓSCAR DA SILVA (Rua de Costa Cabral, Paranhos, Porto, 1870 - 1958)

- *DOLOROSA (TRISTE CANZONE)*

- *MAZURKAS OP. 9*
Avec Coquetterie.
Avec Tendresse.

- *VALSA N.º 2 | VIBRANTE*



Vista da exposição *Quando a Terra Voltar a Brilhar Verde para Ti*, Museu da Cidade | Extensão do Romantismo. Fotografia de António Alves

O VIRTUOSISMO PIANÍSTICO OITOCENTISTA EM PORTUGAL

RUI VIEIRA NERY

A vida musical urbana em Portugal foi em grande parte dominada pela ópera italiana – e em menor grau pela francesa – nos teatros de São Carlos e São João, em Lisboa e no Porto, respetivamente; pelo amplo desenvolvimento de vários géneros de teatro musical ligeiro, desde a opereta ao *vaudeville* e à revista; e por uma intensa prática doméstica de música de salão por parte das classes média e alta, que consistia sobretudo em canções sentimentais, arranjos instrumentais, de trechos operáticos e uma grande variedade de danças cosmopolitas como a valsa ou a polca. A

inexistência de orquestras permanentes, bem como de um circuito concertístico semelhante ao de muitos outros países da Europa Ocidental limitava severamente o desenvolvimento da música sinfónica e de câmara. Além disso, embora o projecto pedagógico original do Conservatório de Música de Lisboa, fundado por João Domingos Bomtempo em 1835, seguisse de um modo geral o modelo do *Conservatoire de Paris*, a sua sistemática falta de uma dotação orçamental adequada impossibilitava-o de conceder aos seus alunos a formação avançada exigida pelo repertório instrumental virtuosístico. Estas condições adversas não impediram, contudo, a emergência e alguns instrumentistas distintos que não só conseguiram adquirir um domínio técnico avançado nos seus instrumentos como foram, com frequência, pioneiros empenhados na promoção de oportunidades de apresentação em concerto, embora geralmente sem grande continuidade. Foi esse o caso, nomeadamente, de João Guilherme Daddi (1813-1887), nascido no Porto, que aos nove anos se apresentou como menino-prodígio e se afirmou depois gradualmente como um pianista, maestro e compositor respeitado, associado a vários teatros musicais de Lisboa e aproveitando todas as ocasiões possíveis para participar nos concertos de música sinfónica e de câmara que tinham por vezes lugar no Teatro de São Carlos.

Em 1845, quando Ferenc Liszt realizou uma breve digressão triunfal em Portugal, o mestre húngaro travou conhecimento com Daddi e ficou tão impressionado com o seu nível artístico que convidou o pianista português a apresentar-se com ele em concerto no palco da Ópera de Lisboa, a 11 de Fevereiro, interpretando a Fantasia a dois pianos de Thalberg sobre a *Norma* de Bellini. Os ecos desse evento ainda ressoavam quatro anos mais tarde, quando o virtuose polaco Antoni Katski, um célebre discípulo de Thalberg, veio a Lisboa e convidou Daddi a tocar com ele essa mesma peça.

Daddi tornar-se-ia um relevante promotor da vida artística em Portugal, logo a partir de 1863, quando organizou no Teatro de D. Maria, em Lisboa, um recital de música de câmara com um programa de obras de Mozart, Haydn, Beethoven e Weber. Em 1874 estabeleceu, com um dos seus discípulos, Eduardo Wagner, uma Sociedade de Concertos Clássicos que lançaria uma série de concertos entre março e maio desse ano, e em 1875 foi um dos fundadores da Sociedade de Música de Câmara, também ela dedicada à apresentação do repertório camarístico de compositores internacionais como Mozart, Beethoven, Schubert, Schumann, Mendelssohn ou Chopin. Como compositor, a sua produção inclui sobretudo música sacra e teatral, mas também várias peças virtuosísticas para piano, editadas pela casa Sasseti, na sua maioria fantasias sobre temas de óperas de Rossini, Donizetti e Verdi, ou valsas e outras danças estilizadas, todas elas um veículo evidente para a demonstração do seu domínio da técnica pianística.

Nery, R. N (2016) PORTUGUESE PIANO MUSIC DADDI | VIANA DA MOTA, Sofia Lourenço, Grand Piano, Naxos, GP725

ÓSCAR DA SILVA (Paranhos, Porto, 21-4-1870, Leça da Palmeira, 26-3-1958).

“Óscar da Silva definiu-se como um “romântico espontâneo” e era grande admirador de Chopin e Schumann, cujas composições integravam o seu repertório pianístico preferido. Na primeira fase da sua obra, a influência destes compositores bem como a de Liszt está bem patente, “não apenas em certos traços virtuosísticos mas também no contorno melódico e na estrutura harmónica”. Encontram-se também influências francesas e do teatro ligeiro português da segunda metade do séc. XIX, mas “o estilo romântico de salão oitocentista é [...] aquele que predomina em maior número de composições”. [...] foi condecorado em 1937 com a Ordem de São Tiago e Espada e a Medalha de Ouro de Mérito Artístico da cidade do Porto. Óscar da Silva foi essencialmente um pianista, o que se reflecte na multiplicidade de obras que escreveu para este instrumento, revelando um carácter intimista onde se combinam as características de um romantismo tardio com, principalmente a partir dos anos 30, uma maior elaboração harmónica.”

“[...] desenvolveu os primeiros estudos de música no Porto com Miguel Ângelo Pereira, Artur

Ferreira e Félix Moreira de Sá. Em 1886, instalou-se em Lisboa onde estudou no Conservatório Nacional com Timóteo da Silveira [...] e Victor Hussla na Academia de Amadores de Música. Em 1891 iniciou uma carreira de pianista, tendo realizado digressões pelo país, interrompidas aquando da sua partida para a Alemanha com uma bolsa da rainha D. Amélia. Estudou no Conservatório de Leipzig com Richard Hofmann e Adolf Ruthardt (Piano), Karl Reinecke (Interpretação) e Salomon Jadassohn (Contraponto e Fuga). Em Frankfurt frequentou aulas particulares de piano com Clara Schumann. Em 1894 efectuou a sua primeira digressão pela Europa (Alemanha, França, Polónia e Rússia) e estabeleceu-se no Porto [...] estreou no Coliseu dos Recreios em Lisboa a sua ópera D. Mécia. [...] Em 1924 fixou residência no Brasil, onde viveu até 1951 (Rio de Janeiro e São Paulo), realizando digressões na América do Sul intercaladas com estadas em Portugal, onde voltou a fixar residência e a lecionar no Conservatório de Música do Porto, em 1953.”

(Adriana Latino, *in*, Castelo-Branco, Salwa (2010) *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, III - 1215, Lisboa, Círculo de Leitores/ Temas e Debates)

M

M
U
S
E
U

D
A

C
I
D
A
D
E

M

M
M

M
M

M

M

M

M
M
M
M
M
M

CONVERSA

com ↓

RUI VIEIRA NERY

Moderação ↓

PEDRO MONTEIRO

SOFIA LOURENÇO

A interpretação das obras de compositores do final do séc. XIX e início do séc. XX (alguns deles perdidos no tempo e na memória) tornou ainda mais veemente a constatação do “Século Rejeitado” da História da Música Portuguesa, como afirmam Paulo Ferreira de Castro e Rui Vieira Nery (Paulo Ferreira de Castro e Rui Vieira Nery, *História da Música*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1991 (2.ª ed. 1999), p. 113). Estando a estética direcionada para uma europeização da criação musical, identificação com a música moderna (do seu tempo, como conseguiu fazer a grande custo, por vezes perseguido politicamente, D. Bomtempo) e a criação de um estilo nacionalista, dentro do cunho genuíno do Romantismo, todos os vetores apontam para a decadência de um país que passou parte do séc. XIX a admirar e a praticar os modelos da ópera italiana nos teatros líricos, sem nenhum interesse assumido por influências europeias da música

instrumental, sobretudo de origem germânica. O incontornável autor Fernando Lopes-Graça afirma que “o nosso séc XIX musical é, contudo, um dos mais activos e importantes, se não o mais activo e o mais importante, dos períodos da história da música portuguesa.” A importância do séc. XIX e a viragem para o séc. XX é aqui muito pertinentemente apontada por F. Lopes-Graça, pois neste período desenhava-se a possibilidade da recuperação do panorama musical português em relação aos centros culturais mais importantes à época, nomeadamente a proliferação da música instrumental, em detrimento do género lírico, e ainda a procura de um género nacionalista. É a Luís de Freitas Branco que se deve a criação e implementação de uma tradição de escrita sinfónica, que só havia sido intermitentemente praticada pelos já citados pianistas/compositores D. Bomtempo e, em simultâneo com Freitas Branco, por J. Viana da Mota.



Vista da exposição *Quando a Terra Voltar a Brilhar Verde para Ti*, Museu da Cidade | Extensão do Romantismo. Fotografia de António Alves

M

M

M

M

M

M

M

M

U

S

E

U

D

A

C

I

D

A

D

E

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

SOFIA LOURENÇO

Ao longo das últimas duas décadas, Sofia Lourenço tem sido responsável por uma série de importantes contribuições discográficas para o Património Musical Português. Editou com as mais elogiosas críticas nas revistas *Diapason d'Or* 2016 e *Pianiste* 2016, o CD "Portuguese Piano Music: Daddi / Viana da Mota" pela editora Naxos/ série Grand Piano; o álbum dá ênfase especial às primeiras gravações de piano (estrela mundial) do compositor Português João Guilherme Bell Daddi (1813-1887) <https://www.naxos.com/ecard/grandpiano/GP725/>

Tem uma carreira ativa como performer em Portugal e no estrangeiro (apresentou-se recentemente num Recital de Piano no *Shangai Oriental Art Center* (SHOAC), 2018, e também com Música Portuguesa no *Art Link Belgrade Music Festival*, 2019). Com várias gravações editadas, são de salientar em 1999 o *Contemporary Portuguese Compositors, Music for Piano Solo*, em 2002 “Estudos e Toccatas” de Carlos Seixas e Domingos Bomtempo, em 2008, “Porto Romântico: Mazurkas e Romanzas”, recentemente reeditado em dezembro de 2019 (SL001) e o *Duo pour une Pianiste (9 Sketches for One Pianist)*, 2012 para *Disklavier* por Jean-Claude Risset (1938-2016) numa estreia mundial dedicada a ela.

Sofia Lourenço nasceu no Porto, onde concluiu estudos de pós-graduação no Conservatório e Universidade. Foi discípula de Maria da Glória Moreira e Fausto Neves, na JMP e CMP, e, em simultâneo aluna de Helena Sá e Costa (1913-2006) a partir dos dez anos de idade, tendo sido igualmente orientada por mestres tais como Laszlo Simon, Georg Sava, Sequeira Costa, Vitaly Margulis e Alicia de Larrocha. Obteve um diploma de solista na Universität der Künste Berlin como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, Portugal). É professora de piano na ESMAE/IPP e Doutora em Música e Musicologia pela Universidade de Évora (2005) sob a orientação de Rui Vieira Nery e Ulrich Mahlerlert. Desde 2007 no CITAR/ UCP, integra atualmente o grupo de investigação em Estudos Históricos e Culturais em Música do INET-MD (UNova, Lisboa, Portugal).

PEDRO MONTEIRO

Doutorado *Summa cum Laude* em Teoria e Análise Musical, pela Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa – Porto (2013). Mestrado em Musicologia, pela Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Valladolid (2009). Licenciado em Música Sacra (dupla Licenciatura pré-Bolonha em Direção de Coro e Órgão) pela Escola das Artes da UCP – Porto (2003). Frequentou estudos Pós-graduados (Postgraduale *Studiengänge mit künstlerischer Diplomprüfung*) em Órgão – diploma de concerto – na Hochschule für Kath. Kirchenmusik und Musikpädagogik de Regensburg. Como investigador, tem realizado atividade sobre música sacra contemporânea, tendo estudado, em particular, compositores como G. Ligeti e O. Messiaen e desenvolvido um modelo analítico especialmente destinado a superfícies sonoras intrincadas.

Como maestro, tem-se dedicado à música antiga, com a criação do EAnsemble e a realização de várias primeiras audições modernas. Recentemente, dirigiu a *Passio de Arvo Pärt*, o *Proverb* de Steve Reich e ainda *Scotoma Cintilante* de Jonathan Saldanha, obra com que se estreou no Teatro Nacional de São Carlos e que acabou de gravar para o Folkwangmuseum em Essen, Alemanha. Como compositor, escreveu a banda sonora original para o filme *Pathos* de Vasco Araújo e co-escreveu com Jonathan Saldanha *I/XI*, que se encontra em exposição na Extensão do Romantismo do Museu da Cidade do Porto. Como organista, realiza concertos nos mais variados formatos, em Portugal e no estrangeiro.

Realizou atividade docente no Conservatório Regional do Algarve, na Escola Profissional de Música de Espinho, onde foi maestro assistente da Orquestra Clássica de Espinho, na Universidade do Minho e na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo – IPP. Foi também docente na Escola das Artes da UCP – Porto, no Mestrado em Direção de Coro da Universidade de S. José – Macau e coordenador da Pós-Graduação em Música Sacra da FT/EA da UCP – Porto. Adicionalmente, foi também investigador integrado no Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) da Escola das Artes da UCP-Porto (2013).

MÚSICA E ROMANTISMO

por Sofia Lourenço e Pedro Monteiro

PROGRAMAÇÃO

SET 2021 – MAR 2022

ÚLTIMAS 5.^{as} FEIRAS DO MÊS,
19H
(30' DE MÚSICA, 45' DE
CONVERSA)

30 SET

ROMANTISMO PORTUENSE

intérprete ↓

SOFIA LOURENÇO, PIANO

autores ↓

JOÃO GUILHERME DADDI,

ÓSCAR DA SILVA

convidado ↓

RUI VIEIRA NERY

QUI 28 OUT 19H

*ROMANTISMO ALEMÃO —
ENTRE COSMOPOLITISMO,
FOLCLORISMO E
NACIONALISMO*

intérprete ↓

SOFIA LOURENÇO, PIANO

autores ↓

JOSÉ VIANA DA MOTA

(autor que tocou com muita
frequência no Porto,

nomeadamente a convite
da Sociedade de Concertos
Orpheon Portuense,

dirigida pelo seu amigo
violinista Moreira de Sá).

convidado ↓

JOHN GREENFIELD

25 NOV

ROMANTISMO IBÉRICO

intérprete ↓

SOFIA LOURENÇO, PIANO

autores ↓

ISAAC ALBÉNIZ CAMPRODON
E MANUEL DE FALLA

convidado ↓

ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

16 DEZ

*ETNOGRAFIA E MÚSICA
PORTUGUESA NA OBRA DE
FERNANDO LOPES-GRAÇA*

intérprete ↓

SOFIA LOURENÇO, PIANO

autores ↓

FERNANDO LOPES-GRAÇA

convidado ↓

PEDRO EIRAS

2022

27 JAN

MÚSICA E LITERATURA

intérprete ↓

SOFIA LOURENÇO, PIANO

canto ↓

DORA RODRIGUES, SOPRANO

(a canção — o *Lied* alemão —
é uma das formas musicais mais
significativas do Romantismo
europeu; pretende-se dar a
ouvir ao público portuense
a Canção com lírica em
português, na variante de estilo
romântico).

autores ↓

VIANA DA MOTA, FRANCISCO
DE LACERDA (este último mais
com pendor impressionista).

convidado ↓

ISABEL PIRES DE LIMA

24 FEV

*CRIAÇÃO MUSICAL NO
FEMININO EM PORTUGAL
E FORA, E RESPETIVA
EMANCIPAÇÃO DA
(DO) SOLISTA AO PIANO*

intérprete ↓

SOFIA LOURENÇO, PIANO

autoras ↓

FANNY HENSEL-

MENDELSSOHN, CLARA

SCHUMANN, BERTA ALVES

DE SOUZA, CLOTILDE ROS

convidada ↓

MARIA CLARA SOTTOMAYOR

31 MAR

*EMPATIA, DESLUMBRAMENTO,
INTENSIDADE: O ARTISTA
PERANTE O MUNDO-ABISMO*

intérpretes ↓

SOFIA LOURENÇO, PIANO 1

PEDRO MONTEIRO, PIANO 2

autor ↓

F. SCHUBERT

convidado ↓

NUNO FARIA